

A Independência do Brasil nos caminhos de Minas Gerais

Você sabia que há exatos 200 anos – em 1822, poucos meses antes da Proclamação da Independência e ainda como Príncipe Regente, Dom Pedro I esteve em Minas Gerais durante 24 dias? Além de buscar o apoio político dos mineiros contra as Cortes Portuguesas, ele precisava por fim a uma rebelião que vinha se formando e que poderia eclodir a partir da instalação da Junta de Governo Provisório em Vila Rica (atual Ouro Preto), ocorrida algum tempo antes.

Para evitar a continuidade da submissão do Brasil a Portugal, bem como a iminente divisão do território brasileiro em diversos países, que já parecia estar acontecendo, Dom Pedro precisava mostrar que tinha liderança e capacidade para realizar um plano ambicioso de independência de um território de proporções continentais. Ele também iria precisar de apoio financeiro.

Em sua primeira viagem ao interior do Brasil, o intrépido Príncipe Regente agiu com ousada estratégia política e militar: angariou apoios, exonerou comandantes de forças e substituiu o Governo de Minas. Recebeu o apoio de grandes fazendeiros, de elites locais e das câmaras de vereadores nas cidades maiores.

Entre 25 de março e 21 de abril de 1822, o futuro Pedro I, acompanhado de cinco auxiliares diretos, três ajudantes e três soldados, percorreu a cavalo caminhos, logradouros, ranchos, engenhos e fazendas – a maior parte em território da então província mineira.

A pequena comitiva iniciou a viagem no Rio de Janeiro, a partir do Palácio de São Cristóvão (residência oficial da Família Real), em 25 de março de 1822. Seguiu de barco até o Porto da Estrela, onde desembarcou e seguiu a cavalo até a Fazenda do Padre Correia (ainda existente em Correias, Petrópolis).

Dois dias depois, os viajantes adentram a Província de Minas Gerais, subindo encostas e morros, percorrendo cerca de cinco léguas e meia (22 quilômetros) até o pouso seguinte. Passam por rocinhas, pela Fazenda da Várzea e pela Freguesia de Nossa Senhora da Glória (atual Simão Pereira) até atingirem o terceiro posto de controle e alfândega do caminho, o Registro de Matias Barbosa, onde pernoitam.

Em Chapéu d’Uvas (atual Juiz de Fora), em 30 de março, eles seguiram o trajeto do Rio Paraibuna, passaram por vários ranchos, fazendas e roças, subiram o Morro dos Arrepellidos – onde Dom Pedro I, seguindo a tradição dos tropeiros, fixou, piedosamente, uma Cruz de madeira.

Em 30 de março, chegaram à Rocinha de João Gomes, que se tornaria a cidade de Palmira, em 1890. Posteriormente, em 1932, a cidade receberia o nome de Santos Dumont, em homenagem ao ilustre cientista e inventor do avião.

Pedro e sua comitiva subiram a Serra da Mantiqueira, passaram por Pinho Velho, Pinho Novo, Rancho do Engenho, Boa Vista, Batalha e Confisco antes de chegarem a Borda do Campo. A Fazenda da Borda do Campo, que existe até hoje no município de Antônio Carlos, foi palco de reuniões de inconfidentes, como Joaquim José da Silva Xavier, o



Pedro, ainda Príncipe Regente, em agosto de 1822 – Tela de Simplicio Rodrigues de Sá (1822)

Tiradentes, que era amigo de José Aires Gomes, filho do dono da fazenda e também um dos inconfidentes.

O desembargador Estêvão Ribeiro de Resende, que acompanhou Dom Pedro em Barbacena, relatou a recepção ao príncipe e as atividades desenvolvidas por ele naquela Vila: “deu beija-mão geral, distribuiu esmolas, foi à igreja, andou pelas ruas”. Padre Manuel, que seria membro da Assembleia Constituinte em 1823, assinou a carta que autoridades, fazendeiros, vereadores e outros membros da elite local entregaram a Dom Pedro no dia 1º de abril de 1822, criticando o Governo Provisório da Província e pedindo sua substituição.



Vila Rica. Tela de Pohl e T. Ender (1822)

Depois da Vila de Barbacena, a comitiva seguiu para a Vila de São João Del Rei, onde o Príncipe Regente também foi bem recebido pelas autoridades, elites locais e população. Em São João Del Rei permaneceram até o dia 6 de abril, quando seguiram para Arraial de Santo Amaro (atual Queluzito). Na Vila de Queluz (atual Conselheiro

Lafaiete), Pedro foi informado sobre a situação em Vila Rica, Capital da Província, onde o Governo

Provisório sinalizava resistência à Independência de Portugal, tendo formado já um Batalhão de Caçadores. O príncipe expediu imediatas ordens para que os três regimentos de milícias da Comarca do Rio das Mortes partissem para as imediações de Vila Rica.

No dia 9 de abril Dom Pedro entra triunfalmente em **Vila Rica**, saindo de Capão do Lana, a cerca de três léguas de distância. No mesmo dia, chegou a ele uma manifestação de apoio da Câmara de Sabará, assim como do regimento de milícias da Comarca do Rio das Velhas, liderado por Pedro Gomes Nogueira.

Dias antes, o Bispo e a Câmara de Mariana já lhe haviam declarado apoio, deixando isoladas as autoridades revoltosas de Vila Rica. Dentro de sua estratégia político-militar, porém, Dom Pedro exigiu que as autoridades o reconhecessem como “Príncipe Regente Constitucional do Reino do Brasil” antes de entrar em Vila Rica, prestando-lhe “submissão e respeito como Centro do Poder Executivo deste Reino do Brasil”. Ou ele entraria em paz, com o devido respeito à sua autoridade, ou, posteriormente, entraria com a força necessária contra a rebelião.

O recado foi entendido e, no final do dia 9 de abril, Pedro entrou vitoriosa e triunfalmente em Vila Rica, ao lado de Pinto Peixoto, comandante da guarnição federal em Vila Rica, o que simbolicamente transmitiu também a imagem de um príncipe firme, mas defensor da justiça e generoso com os adversários.

Entre os dias 10 e 21 de abril de 1822, Dom Pedro permaneceu em Vila Rica e tomou decisões sobre a reestruturação do poder e da administração local, por meio de muitas portarias. Convocou eleições para a definição do novo Governo Provisório, para 20 de maio daquele ano.

Em 17 de abril, fez a Proclamação aos Mineiros, na qual exaltou a intrepidez e heroico comportamento a bem da nação, e no dia 21 de abril, com sua comitiva, deixou Vira Rica pela manhã com destino ao Rio de Janeiro. A volta ao Rio foi rápida e sem qualquer interrupção para recepções ou homenagens. Ao chegar ao Palácio, enviou uma carta a seu pai, Dom João VI, relatando o que ocorrera na viagem e suas perspectivas:

“Dou parte a Vossa Magestade, que tendo-se o governo de Minas Geraes querido se mostrar superior a mim, e às Cortes, fui lá, e mandei convocar os eleitores para elegerem outro. (...) Antes de lá chegar as villas diferentes da estrada me fizeram as representações, que remeto pela secretaria do Reino. Hontem cheguei, em quatro dias e meio. Por cá vai tudo mui bem, se lá formos considerados como irmãos, tanto melhor para um como para outro hemisfério; mas se o não formos ir-nos ha melhor a nós Brasileiros, que aos Europeos malvados, que dizem uma cousa, e tem outra no coração.”

Em 14 de agosto de 1822, com 30 acompanhantes, o Príncipe Regente inicia nova viagem, desta vez à Província de São Paulo para novos contatos e pedidos de apoio à unidade do país. No caminho de volta ao Rio de Janeiro, no dia 7 de setembro, às margens do Rio Ipiranga, Pedro rompe definitivamente os laços de submissão a Portugal, proclamando a Independência do Brasil e, dias depois, tornando-se Imperador do Brasil.

Fonte: livro “D. Pedro – Jornada a Minas Gerais em 1822”, de Eduardo Canabrava.

**Texto: José Luís Cantanhêde (SMEMO)
Setembro de 2022**